

APRESENTAÇÃO

Em seu volume 24, número 3, a revista *Em Tese* traz como tema o dossiê *Do gênero ao gênero: do corpo do autor ao corpo do texto*. O debate literário tem oferecido cada vez mais espaço para reflexões críticas sobre o que foi historicamente colocado à margem das instituições oficiais: gêneros híbridos ou fronteiriços; corpos e corporalidades dos textos, de quem (não) os escreve e de quem (não) os lê. A fim de suscitar o debate sobre a possibilidade de relacionar gênero textual (*genre*) e identidade de gênero (*gender*), a partir das mais diversas abordagens teóricas - feminismos, estudos queer, masculinidades e performatividades de gênero, por exemplo -, a *Em Tese* recebeu trabalhos que propuseram novos olhares sobre essas questões (e outras afins), sempre em relação com a literatura e os estudos literários. Pensando, nesse sentido, as formas que engendram corpos e textos, em seus cruzamentos múltiplos.

A seção **Dossiê** traz a proposta de Juliana Machado Meanda, que investiga a representação feminina no livro *Cactus Blood*, o segundo título da série de ficção detetivesca da escritora Lucha Corpi, examinando a relação esse

gênero textual [*genre*] e a identidade de gênero [*gender*] na obra. Na sequência, o artigo de Carolina Anglada, que propõe uma leitura centrada no texto “La loi du genre” [A lei do gênero], de Jacques Derrida, desdobrando-a a partir de um diálogo com Giorgio Agamben e Judith Butler para propor uma interpretação da obra *Argonautas*, de Maggie Nelson. De Derick Davidson Santos Teixeira, uma interpretação a partir de Barthes e Lacan da obra recente de Jonas Samudio, *A mais aberta*, propondo ainda uma série de desdobramentos em conexão com as formulações teóricas de Paul Beatriz Preciado. Em seguida, Diego Moraes Malachias Silva Santos, que analisa as masculinidades no clássico de Stephen King, *O Iluminado*, e na peça de Eugene O’Neill, *Long Day’s Journey Into Night*, traçando seus contrastes e iluminando as aproximações entre os personagens masculinos que se debatem, mas não escapam do fantasma da masculinidade. Dayane Campos da Cunha Moura investiga as relações entre a escrita e o desenvolvimento da subjetividade na obra *Em breve cárcere*, da escritora argentina Sylvia Molloy. Ao propor que se conquista

a subjetividade pela palavra, a autora parte das análises de Pierre Bourdieu e Virgínia Woolf a respeito das questões de gênero que perpassam a condição das escritoras mulheres. Ainda sobre processos em torno da escrita, em “Max Martins: da poesia como diário de outrem”, André de Aquino tece leituras a respeito dos *Diários* do poeta paraense. Partindo de leituras de Roland Barthes, o autor realiza uma leitura semiológica da obra enquanto registro do movimento de escrever, conjurando palavra e imagem em um material que documenta a linguagem. Ivan Delmanto revisita o drama poético *O Santeiro do Manguê*, de Oswald de Andrade, relacionando sua estética dramática ao contexto social brasileiro. O autor investiga algumas proposições teóricas europeias (teatro do mundo, drama burguês, drama moderno e drama épico) a fim de pensar a origem dessa forma híbrida proposta por Oswald e sua recepção em solo brasileiro. Diana da Silva Rodrigues

realiza uma análise comparativa da construção de corpos Trans nas obras *Transition to murder*, de Renee James e *Batons, assassinatos e profetas*, de Mehmet Murat Somer. Em seu texto, Rodrigues examina como o modo de narrar, os pontos de vista, a construção estética e identitária das personagens alteram o modelo literário vigente, uma vez que ambas obras analisadas possuem personagens Trans como narradoras protagonistas.

Abrindo a seção **Teoria, Crítica Literária, outras artes e mídias**, a pesquisadora Adriana de Oliveira Alves Corrêa propõe uma leitura sobre a construção cultural e identitária de Eliane Potiguara, a partir de sua obra *Metade Cara, Metade Máscara*. Na sequência, Fernando Mendonça Serafim avança uma reflexão sobre o modo como o tempo e suas feições são explorados na poesia da escritora brasileira Orides Fontela. Propondo uma leitura do livro

Fronteira de Cornélio Penna, o estudioso Franklin Farias Morais traz uma proposta que estabelece os possíveis vínculos entre a fatura ficcional desse romance e os processos sociais concernentes à mineração em Minas Gerais. Finalmente, Bruno Cesar Cursini oferece um artigo que analisa parte da atividade de Gilberto Freyre como autor do que ele denominava seminovelas: trabalhos de ficção que se aproximavam do romance moderno mais do que qualquer coisa que ele tenha escrito antes.

Na seção **Entrevistas**, a diretora Ione de Medeiros e o ator Jonnatha Horta Fortes conversaram com Felipe Cordeiro sobre suas atuações no Grupo Oficina Multimídia, que está completando 42 anos de atividades ininterruptas – o que o torna um dos grupos mais longevos da América Latina. Os artistas falaram sobre diversas implicações entre gênero e sexualidade em suas práticas artísticas, bem como sobre o

estado alarmante em que vive a arte brasileira na contemporaneidade. A professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (FALE/UFMG) – importante pesquisadora da área de tradução de teatro, além do ensino de língua e literatura da Grécia antiga – responde a uma série de perguntas sobre seu trabalho, à luz da situação atual da literatura no Brasil e no mundo. A entrevista, elaborada pelo helenista Rafael Guimarães Tavares da Silva, aborda ainda questões relativas às transformações sociopolíticas dos últimos anos – em suas implicações para a literatura e para seu ensino –, bem como as especificidades de quem trabalha com cultura num contexto como o brasileiro, destacando o trabalho de tradução que a professora Tereza Virgínia tem liderado à frente da Trupersa (Trupe de tradução do teatro antigo). A pesquisadora Bruna Kalil Othero entrevistou o pesquisador e premiado cineasta Sávio Leite. As pesquisas de Othero e Leite se encontram a partir do curta *Vênus – Filó, a fadinha*

lésbica, inspirado no poema homônimo de Hilda Hilst. A obra pornográfica de Hilst é o elo a partir do qual eles iniciam esse bate-papo. Encerrando a seção, Otávio Moraes entrevista a pesquisadora Magda Guadalupe. É notável nos escritos da entrevistada o diálogo com o universo literário, principalmente no que se refere aos escritos memorialísticos e ficcionais que compõem a fortuna literária de Simone de Beauvoir. Em suas pesquisas sobre a pensadora francesa, Guadalupe toma as formas narrativas das obras enquanto componente indissociável do processo de constituição de uma filosofia feminista. A tônica da presente entrevista centra-se no diálogo com a entrevistada sobre suas reflexões acerca do encontro entre forma literária e exercício filosófico.

Na seção **Em Tese**, James Rios de Oliveira Santos traça um histórico das representações enviesadas e racistas

de personagens negros por autores brancos, indicando a quebra desse paradigma na obra *Sortes de Villamor* (2013), de Nilma Lacerda. Para fechar as contribuições da seção neste número, Fernanda Ferrari Zrzebiela analisa a poesia de Carlos Drummond de Andrade “Coleção de Cacos”, relacionando-a no conjunto da obra do poeta, em suas relações com colegas, valorizando o olhar infantil do poema e a relação entre fragmentos e a figura do colecionador.

Para compor a seção **Ensino de Literatura**, Rafael Fava Belúzio traz o texto híbrido “Crônica de aulas sobre a crônica”. Fazendo uma mescla entre artigo, crônica e relato de experiências em sala de aula, o autor tece reflexões sobre trabalhar a crônica com alunos do ensino médio, elencando construções estilísticas e históricas a respeito do gênero na literatura brasileira e de seu papel frutífero na mediação entre os alunos e os textos literários.

Desdobrando em pluripotencialidades, a seção de **Poéticas** traz uma pletora de artistas diferentes em suas instigantes propostas para um diálogo com a temática da presente edição. No campo das artes visuais, as pinturas, os desenhos e as aquarelas de artistas como Eduardo Cunha Castanheira, Simone Maria Cancelli Duarte, Márcia Guimarães e Fátima Pena. Nesse mesmo campo, a poeta Thais Guimarães traz um belo trabalho fotográfico intitulado *Cascas – corpos em lascas*. Já na área de criação literária, Bruna Kalil Othero, Jonas Samudio e Maraíza Labanca oferecem textos inéditos a partir da provocação que o convite a compor esse dossiê de Poéticas lhes causou. Pensando nas artes cênicas e no cinema, a atriz Claudia Campolina e a atriz e cineasta Julia Katharine dividem com nossos leitores algumas implicações sobre as relações entre o corpo e o fazer artístico. E, comemorando seus 42 anos de existência ininterrupta, o Grupo Officina Multimídia, capa do presente número, apresenta parte de seu acervo fotográfico,

remontando seu percurso como o grupo teatral mais longevo de Belo Horizonte. Finalmente, a cantora e compositora Flávia Ellen envia as letras de duas de suas canções – extraída de seu disco *Desperta* de 2019 – em profundo diálogo com as inquietações suscitadas pela *Em Tese*.

Boa leitura!

*

Amanda Pavani

Clarissa Xavier

Felipe Cordeiro

Melissa de Sá

Rafael Silva